

AS CONTRIBUIÇÕES DAS CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Jéssica Lorennna Lima Gonçalves

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI

Prof, Dra. Cícera Nunes

Levando em consideração a Lei nº 9.394/96, alterada pela lei nº 10.639/2003 e as orientações para uma educação das relações étnico-raciais, é que reconhecemos a valorização da literatura afro-brasileira, por meio das contações de histórias no universo da educação infantil como fator ideal para a inserção desses debates nessa etapa da infância.

Assim, como estabelecido em lei torna-se obrigatório o ensino da história e da cultura afro –brasileiras nos currículos de toda educação básica, constatando esse documento de lei é que, enxergo essa intervenção e tantas outras feitas nesse campo como relevante para o processo educacional e para o desenvolvimento infantil, na busca de uma transformação social e de fato o aniquilamento das estruturas racistas.

Nas orientações para a educação étnico-racial proposta pelo ministério da educação encontramos algumas reflexões para nossa argumentação:

Várias pesquisas, nesse sentido, têm demonstrado que o racismo em nossa sociedade constitui também ingrediente para o fracasso escolar de alunos (as) negros (as). A sanção da Lei nº 10.639/2003 (...) é um passo inicial rumo a reparação humanitária do povo negro brasileiro, pois abre caminho para corrigir os danos materiais físicos e psicológicos resultantes do racismo e de formas conexas de discriminação. (EDUCAÇÃO, P.18)

Podemos considerar nesse trabalho que quando falamos da educação para as relações étnico-racial também estamos falando da educação antirracista que deseja contribuir para o caminho em que as políticas afirmativas sejam não apenas escritas, mas principalmente implementadas.

O próprio significado da palavra antirracista revela, o movimento contrário ao racismo. Sendo assim nos ocuparemos de trazer algumas provocações nesse sentido. A primeira delas vem do pensamento de uma mulher negra e ativista dos direitos das mulheres e contra a discriminação social e racial nos estados unidos, Angela Davis. Quando ela refletiu a situação da mulher não desvinculada de raça, classe e gênero,

provocou a necessidade de ter uma postura antirracista, não sendo suficiente se auto denominar como não racistas.

Um dos pensamentos mais difundidos da filósofa Angela Davis é: “Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista” E esse pensamento foi muito divulgado por militantes, intelectuais e artistas com bastante influencia nacional, colocando na pauta esse assunto. Com esse pensamento, Angela Davis deseja refletir também que para desenvolver essa postura que ela propõe é necessário ter atitudes que colaborem para a luta antirracista e para um mundo livre do racismo.

O segundo pensamento vem através do encontro com um dos livros mais vendidos no ano de 2019. Alguém sabe qual o livro que estamos nós referindo?

Trata-se do livro *Pequeno Manual Antirracista*. Da Filósofa Brasileira Djamila Ribeiro, a autora aponta reflexões sobre o racismo principalmente como uma questão estrutural. Trazendo muitas referências a respeito. Colocando esse discurso não no âmbito moral ou individual, mas no lugar de um problema estrutural da sociedade. Ou seja, vivemos em um país que sustentou um sistema escravocrata por mais de 300 anos e que mesmo depois de uma abolição de conveniência, não deu condições aos negros brasileiros construir suas vidas com dignidade. Portanto o *Pequeno Manual Antirracista* discorre sobre aspectos da violência racial, cultural, do racismo no ambiente de trabalho, negritudes e branquitude. Ela aponta algumas atitudes concretas de combate, provocando nos leitores uma atitude e postura contra o racismo.

A lei 10.639/03 e o ensino da história e cultura Afro-brasileira e africana, mesmo considerando a relevância sabemos que essa lei não é o suficiente. Dentro das políticas afirmativas ela é sim política compensatória a todo histórico de agressão violência e injustiça com a cultura e os povos negros. Mas, quando nos propomos a construção de uma educação antirracista sabemos que a urgência é maior. No que diz respeito a promoção de um caminho possível para uma sociedade enfim livre de racismo.

Nesse ano após a posse do ex-presidente lula no governo, algumas pautas defendidas pela luta histórica do movimento negro foram aprovadas pelo congresso e senado e foi sancionada pelo então presidente. Naquele momento apesar da alegria, o movimento negro sabia a luta que ainda teríamos que enfrentar para que de fato conseguíssemos ver pelo menos parte dos nossos direitos cumpridos.

Diversos estudos comprovam que, no ambiente escolar, tanto em escolas públicas quanto em particulares, a temática racial tende a aparecer como um

elemento para a inferiorização daquele (a) aluno (a) identificado (a) como negro (a). Codinomes pejorativos, alguns vezes escamoteados de carinhosos ou jocosos que identificam alunos (as), negros (as) sinalizam que, também na vida escolar as crianças negras estão ainda sob o jogo de práticas racistas discriminatórias. (EDUCAÇÃO, p.20)

É nesse sentido que o contato da criança dê da pré-escola com aspectos da cultura e da história afro-brasileira, implica numa relação mais verdadeira entre identidade racial e combate ao racismo cotidiano. É dessa maneira que os instrumentos legais nos auxiliam a não só cumprir nosso papel, mas fiscalizar e garantir que nossos colegas ou os professores dos nossos filhos faça esse trabalho. Afinal se vamos nos considerar pessoas antirracistas, não é suficiente não ser racista, mas é necessário ajudar a combater.

Transformar uma postura autoritária e violenta por uma postura afetuosa. Pontos como abraçar a educação como pratica da liberdade é o caminho possível para atingirmos essa educação antirracista que estamos propondo aqui. No dia-a-dia da educação infantil você pode transformar o ambiente da criança mais afetuoso e que tenha relação com sua ancestralidade com os povos que ela possa se enxergar, além de apresentar como o continente africano e os povos negros são muito mais do que o estereótipo de fome e pobreza.

No nosso contexto, posso dizer a vocês, que ensinar, e principalmente aprender a transgredir é uma tarefa apetitosa e que nos estimula a pensar quem somos no mundo, em que podemos contribuir para ver uma sociedade livre de todas as opressões principalmente a violência que é o racismo.

Mesmo com a implementação da lei 10.639/03, em que torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas, muitas escolas ainda negligenciam esse documento regulador, contribuindo para o apagamento da nossa história em todos os níveis da educação básica, sendo a escola uma das bases fundamentais para formação do indivíduo, é o espaço onde a criança tem sua primeira interação social com um mundo fora de casa, ainda criança as pessoas se inserem em um contexto de múltiplas vivencias.

Através do contato com o diferente, os seres humanos são deslocados das suas convicções para aprender acerca da existência de demais vivencias, com isso, a escola é um propulsor fundamental de mudanças para as pessoas.

